

TRADIÇÃO PERDIDA

LAMBE-LAMBE: A HISTÓRIA POR TRÁS DE UMA CAIXA

Fotógrafos lembram-se da época em que havia fila por um retrato

PRISCILLA THOMPSON
ppessini@redgazeta.com.br

Nas décadas de 1970 e 1980, quando chegavam ao Parque Moscoso, em Vitória, para trabalhar, Valdir Oliveira e Ison Viana disputavam espaço com mais de 30 colegas de profissão para garantir a maior quantidade de clientes. Às 6 horas, a fila para “tirar retrato” já parecia não ter fim. O trabalho só acabava à noite, quando não havia mais luz suficiente para garantir uma boa foto. E era assim que os fotógrafos lambe-lambe voltavam para casa com até um salário mínimo no bolso. E por dia!

“Era uma época boa, de fartura e muita alegria no parque. Não faltava freguês. Mas hoje em dia, minha filha, qualquer um é fotógrafo. É só ter um celular na mão que todo mundo faz foto. Nossa profissão não é mais a mesma”, conta Valdir, sentado ao lado da caixa azul que lembra o seu antigo lambe-lambe. “Esse aqui não funciona. É só um enfeite para as pessoas verem como era naquela época. Não existe mais material para tirar foto nele”, diz.

NOVOS TEMPOS

Hoje, mais de 10 anos depois do fim do lambe-lambe, Valdir, 77 anos e Ison, 68, continuam indo ao Parque Moscoso quase todos os dias. Não usam mais a caixa dentro da qual era preciso colocar a cabeça para enquadrar os “fregueses”, mas carregam consigo suas câmeras digitais. Quando aparecem clientes querendo uma foto, estão prontos para o trabalho. Eles e outros dois ex-fotógrafos lambe-lambe que também continuam frequentando o local.

Ison conta que aprendeu a profissão com um tio da sua esposa, quando mudou-se de Nova Venécia para Vitória. “Quem vinha do interior acabava trabalhando de assistente de pedreiro, no serviço pesado.



PRISCILLA THOMPSON

“Vivemos uma época de fartura, e ganhávamos até um salário mínimo por dia fotografando”

VALDIR OLIVEIRA
77 ANOS, FOTÓGRAFO

Fotografia antes da era de câmeras digitais

Saudosos, os fotógrafos lambe-lambe do Parque Moscoso guardam na memória as histórias do tempo da fotografia analógica

“Vim do interior e tive sorte de aprender fotografia. Nosso trabalho era muito respeitado”

ILSON VIANA
68 ANOS, FOTÓGRAFO

FOTOS: ARQUIVO PESSOAL E PRISCILLA THOMPSON



Recordação

À esquerda, Ison Viana, 68 anos, aparece ao lado do filho em uma das fotografias que guarda do seu antigo lambe-lambe, no Parque Moscoso. Acima, detalhe da réplica das máquinas lambe-lambe exposta no parque, com fotografias coloridas no entorno e uma câmera analógica acoplada sobre um tripé. Nas originais, a lente era instalada diretamente na caixa do lambe-lambe.

Eu e meus irmãos demos muita sorte. Todos viramos fotógrafos do parque. Eu tinha 23 ou 24 anos, e até então só tinha trabalhado na lavoura”, conta.

RECORDAÇÕES

Daquela época, Ison ainda guarda algumas fotografias feitas no lambe-lambe. Em uma delas, aparece ao lado do filho no parque. “Veja só. Essa aqui tem uns 30 anos e ainda está perfeita. O papel era mais resistente, feito para preservar a fotografia por mais tempo. Hoje, uma foto não dura mais do que alguns anos”, explica.

E aproveita para contar a origem do nome lambe-lambe. “Havia uma história de que a gente lambia a foto para tirar o produto químico usado na revelação. Mas isso é mentira. Pelo menos aqui, nunca vi ninguém lambendo foto, até porque o produto era muito forte”, conta.

POSTAIS

Valdir explica que a maior parte das fotografias que eles faziam era os 3x4, para documentos. Quem não tinha dinheiro às vezes acabava levando a foto de graça. Os turistas do parque também costumavam pedir fotos para recordação, que eles chamavam de postais. Cada postal custava o equivalente a cerca de R\$ 7,00.

Aposentados e donos de alguns imóveis que compraram graças ao sucesso do lambe-lambe, Ison e Valdir hoje fazem parte da memória viva do parque. Lá, encontram antigos clientes, gente curiosa e continuam fotografando. Adaptaram-se ao digital, mas com a nostalgia de quem viu o prestígio da profissão diminuir no ritmo do avanço tecnológico. “Hoje, as pessoas não dão valor ao fotógrafo. É uma pena, porque nem todo mundo sabe usar uma máquina tão bem como a gente fazia”, diz Valdir.